

Quinta de Val-de-Lobos, propriedade do sr. Alexandre Herculano, segundo uma photographia do sr. H. Dulac

Quem, ao visitar certos sitios, o fará insensivel e indifferente? Quem, ao passar por outros, não experimentará sequer um sentimento inspirado por elles? Quem, pela maior recompensa mesmo, não quizera viver em algumas paragens? Quem não passára de bom grado a vida em muitas outras? Quem se não sente attrahido para aqui; repellido d'acolá, mas sem causa conhecida ás vezes e por um sentimento vago, cuja origem se não sabe explicar?!

Haverá para os logares, como ás vezes parece haver para as pessoas, uma especie de destino, que os faça, como a estas, amaveis ou odiados, fortunosos ou desgraçados, venerandos ou vulgares, ricos ou pobres, gloriosos ou execrados?

Parece que sim.

Muitas vezes, é certo, a natureza favorece alguns logares com uma situação especial, com graças singulares, como favorece algumas das suas creaturas predilectas, enchendo-as particularmente dos seus dons. Em tal caso, a nossa predilecção tem uma razão de ser; comprehende-se e explica-se, mas nem por isso é menos certo que esse favor constitue um destino como o que parece ver-se na vida do homem.

O sitio a que vamos conduzir o leitor é d'aquelles aos quaes cabe um destino de amor e respeito; é um valle que attrae pelos seus encantos naturaes, ao passo que prende pela veneração com que olhâmos aquelle que o habita. É uma paragem risonha e alegre, que convida a pensar e meditar, sem todavia nos deixar perder no vago das abstracções do espirito, porque o seu horisonte é fechado, como em limitado quadro, pelos oiteiros que o circundam.

E, todavia, nem as vistas largas e dilatadas de um amplo horisonte são tolhidas áquelle que quizer subir a esses oiteiros; nem o bramido solemne da tempestade é por elle diminuido, quando ella se desencadeie e despenhe d'aquelles. Pelo contrario, ao bater rijo e crepitante da chuva se addiciona o bramido da corrente, ordinariamente serena e branda, que banha esse valle, e que, intumecida e caudal então, se despenha terrivelmente do alto da ponte que a coroa e subjuga; ao rugir do vento se accrescentam os gemidos dos pinheiros por elle sacudidos e simulando gemidos de mortos; ao reboar do trovão se ajunta o echo do valle e dos oiteiros, repercutindo o estampido da nuvem rota.

É, pois, um logar que fôra capaz de inspirar a narração do *Parocho da aldeia* ou a lenda da *Dama pé de cabra*, se tão formosos modelos litterarios não houvessem já saído da penna do seu creador antes d'este possuir e habitar o mesmo logar. É *Val-de-Lobos*, a quinta do primeiro historiador portuguez, o sr. Alexandre Herculano.

O leitor que a quizer visitar, partindo de Santarem para o noroeste pela estrada que conduz a Pernes, ou tomando, ao sair da estação do caminho de ferro em Santarem, pela de Val-de-Estacas até entroncar n'aquella, depois de percorrer 7 kilometros, encontrará o valle de que tratâmos, atravessado pela ponte (parte actualmente em ruinas) que d'elle toma o nome.

E não receie pelo caminho nem pelo nome do sitio para onde se dirige. Pelo caminho, porque esse é, de espaço a espaço e no percurso de 4 kilometros, acompanhado por casaes que verdadeiramente o povoam, e que na sua brancura augmentam o effeito pittoresco do terreno accidentado e cheio dos recortes dos cabeços multiplices, aonde se alternam constantemente o verde puro dos pinhaes com o triste azulado dos olivedos. E se da Portella em diante cessa a povoação, é para mais sobresair depois o effeito agradavel da quinta, que, ao entrar na ponte, immediatamente se avista com a sua casaria, pouco mais ou menos

a 50 metros ao poente da estrada. Pelo nome de *Val-de-Lobos* não receie tambem o leitor; porque esse apenas significa talvez uma designação primeva, que muito melhor fôra hoje substituida pela de Val-de-Graças, por isso que não sei de memoria de homem que alli tenha caçado, ou sequer visto, algum d'aquelles bravos hospedes das charnecas, ao passo que de graças todos o acham povoado e rico.

Da ponte domina-se a varzea, pela qual se alarga e espraia nas suas cheias a ribeira da Asoia, e que constitue a parte mais baixa e fertil do solo da quinta. Alguns moinhos pertencentes a esta, e cujo motor é fornecido pela ribeira, se levantam a montante e a jusante da mesma ponte.

Ao subir d'esta, porque a estrada tem não pequena inclinação, continúa-se atravessando a quinta, porque tanto aquella como a outra a dividem, ficando á mão direita e pelo nascente uma pequena barreira, e á esquerda e pelo poente alguns renques de variadas arvores de sombra, unica vedação que o illustre proprietario tem feito ao seu predio.

D'aqui logo se domina o pomar da quinta, immediatamente superior á varzea, e, superior ainda áquelle, o pequeno lago circular, destinado a regar o mesmo pomar, a dar frescura ao ar e a recrear os olhos.

É pela parte detraz, um pouco á direita e para o norte de quem entra pela communicação que da estrada real se abre em direcção ao tanque, que está a casa de habitação, a rez do chão, modesta mas elegante e confortavel vivenda; tendo a frente principal para o nascente e para a estrada, e a posterior para o poente, sobre a ribeira, e para um dos oiteiros que fecham o valle, oiteiro que se alevanta abruptamente além da mesma ribeira. Esta parte da casa, pelo declive rapido do terreno e pelo levantamento de parte dos tectos por aquelle lado, fórma dois andares e dá para as officinas da quinta, que, continuando a estender-se do norte da casa da habitação, vem completar-se e alargar-se d'este lado da mesma.

Para a parte de léste e norte principalmente, até á Asoia-de-Baixo, que se avista da casa e da estrada, se estende a maior parte da quinta, com os seus olivedos, com a sua vinha, com os seus prados e outras culturas, apenas todavia em começo, porque o seu illustre dono, não contente com ter traçado um caminho completamente novo á historiographia patria e a alguns ramos da nossa moderna litteratura, parece querer agora tambem formar um estabelecimento rustico, digno de ser visto e citado.

Este é o solar feliz aonde, cançado dos desenganos da vida, passada a servir e a honrar a patria, como talvez nenhum dos contemporaneos, o nosso primeiro historiador vem procurar as tristes mas suaves doçuras da solidão, e o amor innocente e tranquillo da cultura da arvore que plantámos, o unico amor limpo das nuvens e tempestades, de que a existencia é tão cheia.

É d'elle que dá uma idéa imperfeita a estampa com que se abre este numero.

Leitor, vem commigo saudar esta mansão do homem justo e superior que a habita; respeita, como eu faço, aquella grandeza humilde; e não a perturbes no seu isolamento! Quem sabe se, alli ainda, ella medita algum novo florão para a sua coroa; algum titulo mais á nossa gratidão e á ingratidão de muitos?!

Vem, pois, e passa ou volta, e sentirás o coração melhor que d'antes.

S.

A NOBREZA NA CHINA

A nobreza, no celeste imperio, não passa de paes a filhos senão quando estes se mostram dignos d'isso por seus meritos e por seu procedimento. Ainda que um homem suba alli aos primeiros cargos, e se distinga pelos seus serviços e virtudes, os descendentes nada herdarão se lhes faltarem os merecimentos e a dignidade. Assim, se os filhos d'aquelle homem, ou por falta de applicação, ou por indolencia, ou por qualquer outra circumstancia pouco recommendavel, se tornam despreziveis, são obrigados, para se alimentarem, a exercer as mais humildes profissões; mas os que tem intelligencia, os que se applicam ao estudo, os que são activos e laboriosos, adiantam-se para logo na vida publica, e não ha dúvida de que, n'este caso, lhes serão uteis os serviços dos paes.

Véem-se muitas vezes na China alguns individuos elevarem-se tão rapidamente como succede em algumas nações democraticas. N'este imperio, pois, tudo é ou povo, ou letrado, ou mandarim. Os membros da familia reinante pertencem á classe dos principes, e foi para favorecel-os que se estabeleceram cinco graus de nobreza titular. Mas estes principes não podem comparar-se com os da Europa; a sua occupação consiste ordinariamente em assistir ás ceremonias publicas, ir todos os dias ao palacio imperial, e retirar-se em seguida para as respectivas habitações, onde dirigem os negocios domesticos, rodeados dos officiaes e mandarins que lhes dá o imperador.

Algumas vezes a nobreza passa, entre os chins, dos filhos aos paes e avós, ao contrario do que acontece na Europa. Quando um homem se distingue por meritos extraordinarios, o imperador não só lhe concede muitas honras, senão tambem favorece o pae, a mãe, o avô e a avó com titulos honorificos, em testimunho do seu reconhecimento por haverem dado ao imperio tão prestante subdito.

A familia que se considera a mais nobre da China, e porventura do mundo inteiro, attendendo á sua ancianidade, é a dos descendentes de Confucio.

Só a nobreza d'esta familia é que alli tem sido, para o dizer assim, hereditaria, pois que se tem conservado em linha directa, ha mais de dois mil annos, na descendencia de um sobrinho, que se chama o sobrinho do grande homem ou do sabio por excellencia. Em attenção a esta origem, os imperadores tem constantemente honrado um dos descendentes do celebre philosopho chinez elevando-o á dignidade de *cong*, que talvez corresponda á dos nossos duques ou á dos antigos condes. É com as honras devidas a tal cathegoria que ainda modernamente andava pelas ruas de Pekin um dos descendentes, quando voltava, uma vez por anno, da sua visita a *Kio-Feou*, cidade da provincia de *Chan-Tong*, que é o berço natal do illustre antepassado [1].

Infere-se, pois, do que esboçámos, que a nobreza propriamente estabelecida na China não passa dos principes da casa imperial e da familia de Confucio; as demais familias, se quizerem ser nobres, hão de conquistar a nobreza por suas virtudes, por seus meritos ou por seus serviços.

B. A.

DA INICIATIVA LITTERARIA DOS PORTUGUEZES NA PENINSULA HISPANICA

(Conclusão. Vid. pag. 370)

V

O ROMANCE PASTORIL

Parece á primeira vista que da introducção do romance pastoril, tão alambicado e tão cheio de sentimentos falsos, não resulta para um paiz tanta gloria que mereça a pena reivindical-a. Um genero que serviu a m.elle Scudéry para n'elle escrever os romances com que experimentou a paciencia da posteridade,

[1] Confucio nasceu em uma povoação do antigo principado de *Lou*, hoje provincia de *Chan-Tong*, 551 annos antes da era christã.

não merece que dêmos os agradecimentos á causa primordial d'esses attentados em vinte volumes contra o senso commum. D'elle dimanaram as extravagancias do *hotel Rambouillet*. Abriu as portas ao marinismo e ao gongorismo, seu irmão mais novo. Estragou muitos talentos verdadeiros, entre os quaes devemos contar o talento fresco e viçoso do nosso Francisco Rodrigues Lobo, cuja *Primavera*, apesar dos seus primores de linguagem e de estilo, das suas magistraes descripções e dos seus melodiosissimos versos, sinceramente confesso que nunca pude levar ao cabo, enfadado a meio caminho com os piegas queixumes de Lereno, com as esquivanças de Tircéa, e com as agudezas e metaphysicas amorosas, em que tanto se aprazem esses pastores e pastoras, cem vezes mais insupportaveis do que os mais insupportaveis conselheiros e conselheiras da nossa impertigada sociedade.

E, comtudo, é do inventor d'este genero que nós, como portuguezes, vamos reclamar a gloria. Contradictorio parece isto ao principio, mas facilmente demonstraremos que o não é.

O progresso do espirito não caminha uniforme e regular, não avança imperturbavelmente sem se afastar da linha recta. A sua marcha é, pelo, contrario caprichosa e irregular. Como os antigos romeiros que iam a Jerusalem, avançando dois passos e retrogradando um, o desenvolvimento da civilisação effectua-se tambem por successivas acções e reacções. Vae além do ponto marcado, recúa depois, mas ganhando sempre alguns palmos de terreno. Como as vagas do Oceano, quando a tempestade furiosa as açoita, arrojam nuvens de espuma muito além do limite que Deus lhes marcou, mas logo depois, apenas se acalma o temporal, voltam, soltando um rugido abafado, ao seu primitivo leito, assim as revoluções politicas e litterarias praticam no seu primeiro impeto excessos que fazem soltar altos gritos aos historiadores e aos criticos myopes, que não conhecem n'essas exaggerações a lei eterna da imperfeição. Mas no meio d'esse fluxo e refluxo fertilisou-se o terreno, o progresso operou-se.

Não desdenhemos um genero, por mais imperfeito que elle nos pareça; se exerceu uma influencia geral sobre a humanidade, se vasou um seculo nos seus moldes, o genero tem importancia. O romance pastoril, com as suas doçuras de lambedor, com as suas pieguices namoradas, com os seus cantos effeminados de pastores, foi ainda assim um progresso sobre a novella de cavallaria com as suas cutiladas monstruosas, os seus nigromantes e as suas fanfarronadas. Coisa notavel! Cervantes, que encontrou com tanto acerto o ridiculo dos Amadizes e Galaores, não percebeu o ridiculo das novellas pastoris, e no seu mesmo *D. Quixote* entresachou com toda a seriedade os queixumes dos amadores de Marcella, e outras coisas de egual jaez. Virão outros depois que zombem d'estes pastores effeminados; o genero modificar-se-ha. Ás Dianas, Astréas e Clelias succederão as narrações mais correntes de mad. Lafayette; Florian virá em seguida, e a final surgirá a obra prima de Bernardin de Saint-Pierre, essa egloga sublime dos amores de *Paulo e Virginia*. Sigam bem a corrente, e verão se os seus elos se não prendem intimamente uns aos outros.

Não precisâmos de discutir nem de demonstrar a verdade reconhecida por todos sem a mais leve hesitação, de que nos pertence o primeiro romance pastoril que appareceu não só na Hespanha, mas tambem na Europa. Foi elle a *Diana de Montemayor*, obra escripta em hespanhol pelo poeta portuguez Jorge de Montemór.

Para sermos justos devemos dizer, comtudo, que o romance pastoril não brotou de um jacto, como Pallas da cabeça de Jupiter. Entre a novella de cavallaria e a obra de Jorge de Montemór ha dois livros hespanhoes que formam a transição. É o primeiro o *Carcel de amor*, composto durante o reinado de Fernando e Isabel por Diogo de San-Pedro, decurião de Valladolid. Este romance é uma novella de cavallaria, onde o maravilhoso habitual é substituido pela allegoria. A fabula do *Carcel de amor* é frouxissima; ainda assim, o romance, como abria, ainda que timidamente, uma senda nova, teve grande popularidade. A essa popularidade devemos attribuir a apparição de um conto anonymo intitulado *Cuestion de amor*, impresso em Napoles em 1512. Ahi a ficção romantica já deu alguns passos e aproxima-se visivelmente da novella pastoril. Não podêmos desconhecer a sua influencia no espirito de Montemór, e, para a comprovarmos, basta-nos apontar um incidente. A *Cuestion de amor* é em grande parte cheia por uma controversia entre dois amantes, um que perdeu a sua amada, outro a quem ella foi infiel. Trata-se de saber qual dos dois foi mais infeliz. No primeiro livro da obra de Montemór, o pastor Sireno, que amára Diana e por ella fôra amado, volta á sua patria depois de longas peregrinações, e sabe que a sua dama lhe fôra infiel. Silvano, outro amador de Diana, mas a quem ella nunca amára, encontra-se com elle, e começam ambos a discutir qual é mais desgraçado. Vê-se que o poeta portuguez fôra em parte inspirado pela *Cuestion de amor*. Mesmo os grandes genios devem alguma coisa a uns timidos predecessores, que, sem abrirem caminhos novos, exploram e preparam o terreno.

O que é certo é que a *Diana*, obtendo um successo prodigioso, introduziu na litteratura a moda do romance pastoril. Como ficára incompleta por morte do seu auctor, logo appareceram continuadores, o primeiro dos quaes foi Alonso Peres, sendo comtudo o mais feliz Gil Polo, e tanto que a sua *Diana enamorada* rivalisou em popularidade com a *Diana de Montemayor*.

Depois ferveram as imitações. Cervantes não desdenhou enfileirar-se entre os admiradores do genero, e a sua *Galatéa* veiu mostrar a flexibilidade do talento do auctor do *D. Quixote*. Depois a voga passou a França, onde apparecêra em 1578 uma traducção da *Diana* feita por Nicolau Collyre. Em seguida d'Urfé escreveu a sua *Astréa*, e a popularidade immensa d'este romance chamou os imitadores e imprimiu na sociedade franceza um cunho especial, que muito a custo se dissipou com as risadas de Molière, os exemplos de Corneille e as lições de Boileau.

Chegámos ao fim do nosso trabalho. Por felizes nos daremos se lográmos convencer os nossos leitores de que a historia da litteratura portugueza, tão mal apreciada pelos proprios que a cultivam, não é menos gloriosa do que a nossa historia politica, e de que o povo que abriu com as armas novos caminhos á civilisação, tambem nas letras deu modelos, que as litteraturas estrangeiras admiraram e imitaram.

M. PINHEIRO CHAGAS.

MADRID

O PRADO, A FONTE DE CYBELE E A PORTA D'ALCALÁ

Dá-se o nome de *Prado* ao mais bello passeio de Madrid; bello pelas suas formosas ruas de arvoredo, e pela multidão dos passeiantes que o animam em todas as tardes.

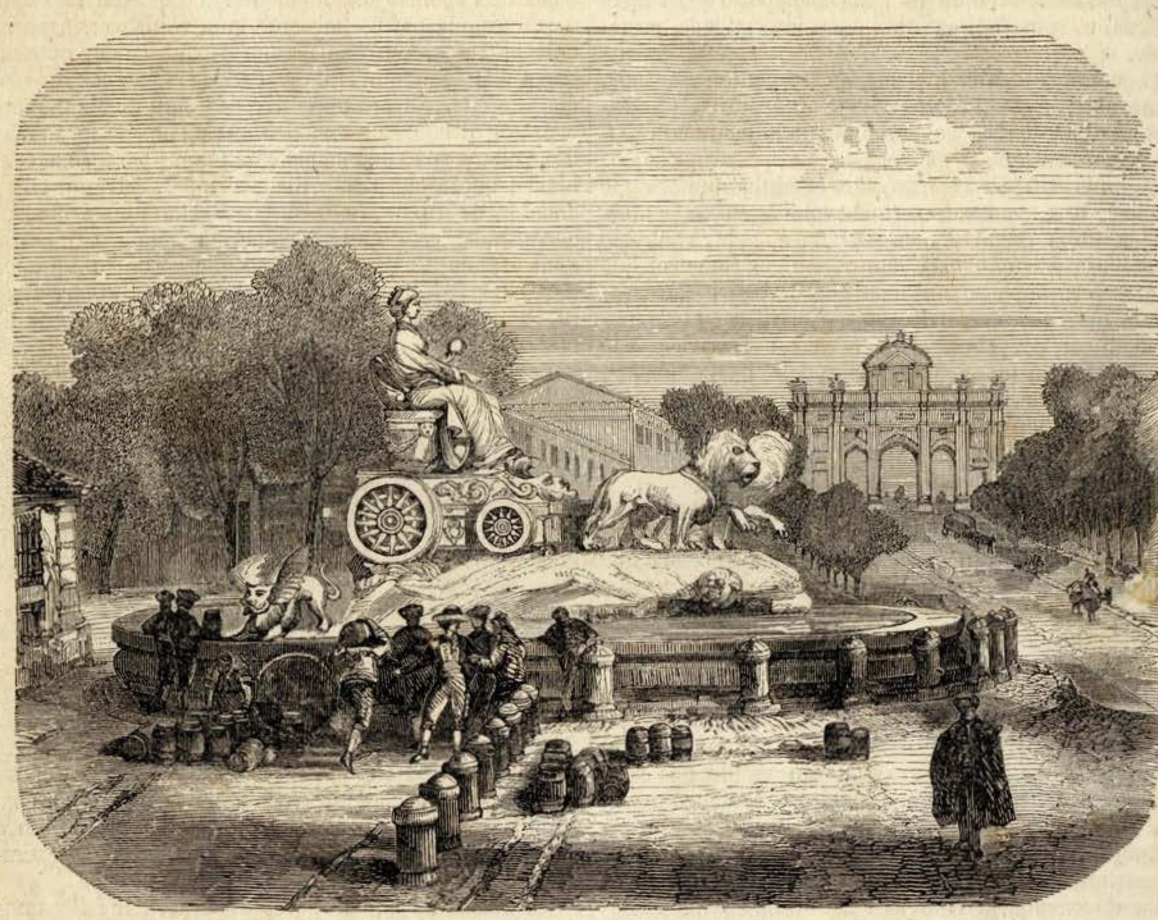
A população de Madrid, agglomerada em mui estreito ambito, pois que esta capital não tem dentro em si campos, nem passeios, nem quintas, possuindo apenas quatro praças que por sua grandeza mereçam tal denominação; privada inteiramente de arrabaldes,

mais ou menos apraziveis, porque Madrid está sentada em uma planicie arida e esteril, não tendo fóra das suas portas sombras de verdura que não sejam as dos tres passeios — *el Prado*, *las Delicias* e *el Retiro*; — aquella população, dizemos, não tem outro desafogo para respirar ar livre, sob a folhagem das arvores e entre aromas de flores, que os tres referidos passeios. Eis a razão porque ella corre, todas as tardes que o tempo lhe permitte, a procurar refrigerio e distracções n'aquelles passeios, que talvez não tenham rivaes em paiz algum, quanto ao movimento, bulicio e expansiva alegria dos transeuntes.

O *Prado* estende-se desde a *porta de Recoleta* até ao *convento d'Atocha*. As suas ruas são mui compridas, parallelas e largas. Mas, ainda assim, offerecem estreito espaço á multidão que ahi costuma concorrer. Para carruagens e cavalleiros ha uma rua especial, ainda mais ampla. É ahi que a nobreza e a gente rica ostenta todas as galas e primores do luxo no vestuario e nas equipagens.

O *Prado* é aformoseado, além d'essas ruas que formam a parte mais antiga d'este passeio, com outras plantações modernas, com bancos de pedra e com soberbos chafarizes de marmore, decorados de estatuas e de outras esculpturas, e nos quaes repuxa a agua sob mui variadas e agradaveis fórmas.

Um dos mais notaveis chafarizes que alli se admiram, como obra de arte, é o de *Cybele*, que se vê



Chafariz de Cybele, no passeio do Prado, em Madrid

representado em a nossa gravura. Está collocado em um dos angulos do *Prado*, onde termina a *rua d'Alcalá*. A deusa *Cybele*, que symbolisa a terra, e que a fabula apresenta como esposa de Saturno e mãe de Jupiter e de Juno, sentada em um carro puxado por dois leões, faz a principal decoração do chafariz, que é todo de marmore.

Modernamente foi muito melhorado, pois que lhe tiraram os marcos de pedra que o cercavam, e a figura de grypho que estava junto da borda do tanque, e que prejudicava o effeito do bello grupo central. Por essa occasião foram os aguadeiros inhibidos de tirarem agua do chafariz, ficando este a servir tão sómente de adorno ao passeio *del Prado*.

A nossa gravura é cópia de outra, feita anteriormente a taes melhoramentos.

Avulta no fundo da mesma gravura a *porta d'Alcalá*, de construcção moderna. É a mais sumptuosa das diversas portas que dão entrada na capital de Hespanha. Tem a feição de um grande arco triumphal, de ordem jonica, composto de tres arcos no centro, todos de volta redonda e eguaes na altura, e de duas portas de verga direita nas extremidades. A face exterior é ornada com seis columnas jonicas, dispostas aos lados dos tres arcos, e cujos capiteis foram feitos segundo o modelo dos que Miguel Angelo Buonarotti inventou para a fabrica dos tres palacios que guarnecem a praça do Capitolio, em Roma.

Sobre os tres arcos e as duas portas estende-se uma cornija, do centro da qual se eleva um attico, coroado pelas armas de Hespanha, sustentadas pela figura da Fama e coroadas de tropheos.

A face interior é egual áquella, com a differença de ter quatro pilastras em vez de seis columnas, e de ser menos decorada de relevos miudos. Sobre as portas estão esculpidas cornucopias. Os feixos dos arcos são cabeças de leões.

É construida toda esta fabrica de boa pedra de cantaria, tendo de altura uns 24^{m}. Cada um dos tres arcos conta 11^{m},30 de altura e 5^{m},55 de largura.

A perspectiva d'este monumento apresenta bastante nobreza e magnificencia.

I. DE VILHENA BARBOSA.